

4. Subjetificação, objetificação e (des) gramaticalização nas construções completivas infinitivas em português, em comparação com outras línguas românicas

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica Portuguesa – Braga

1. Introdução

A alternância e a distribuição das construções subordinadas infinitivas e finitas são geralmente motivadas por fatores conceptuais: as diferentes construções de infinitivo não flexionado, infinitivo flexionado e finita em português contrastam não só em grau de integração estrutural dos eventos principal e subordinado, mas também em perspetivação conceptual ou, nos termos da Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991, 2008), *arranjo de visão* nas posições do *sujeito* e *objeto* de per/conceção. Do ponto de vista do *objeto* de per/conceção, a construção de infinitivo não flexionado representa o grau mínimo e a construção finita o grau máximo de *objetificação* do evento subordinado. Do ponto de vista do *sujeito* de per/conceção (o locutor), a construção de infinitivo não flexionado representa o grau mínimo e a construção finita o grau máximo de *subjetificação* ou envolvimento do locutor na conceptualização do evento descrito.

Neste estudo, analisaremos sincrónica e diacronicamente o grau de *subjetividade/objetividade* e o grau de *gramaticalização* das construções completivas infinitivas de verbos percetivos, causativos, de controlo (como *querer*) e de elevação (como os verbos modais) em português, em comparação com outras línguas românicas. No português antigo, estes verbos eram mais afins dos verbos auxiliares. Do português antigo ao português moderno, verifica-se um incremento da construção bioracional com a introdução de propriedades estruturais que aumentam a independência do evento subordinado. Esta *desgramaticalização*,

Como citar este capítulo:

da Silva, Augusto Soares, Subjetificação, objetificação e (des)gramaticalização nas construções completivas infinitivas em português, em comparação com outras línguas românicas. In: Engwall, Gunnel & Fant, Lars (eds.) *Festival Romanistica. Contribuciones lingüísticas – Contributions linguistiques – Contributi linguistici – Contribuições linguísticas*. Stockholm Studies in Romance Languages. Stockholm: Stockholm University Press. 2015, pp. 64–91. DOI: <http://dx.doi.org/10.16993/bac.d>. License: CC-BY

que se atesta também no espanhol, embora em grau menos acentuado, coloca o português num estádio mais recuado de gramaticalização das construções infinitivas em comparação com outras línguas românicas, como o francês e o italiano. Com base numa análise de *corpus*, descreveremos a desgramaticalização diacrónica que se verifica em português e no espanhol como um processo de *objetificação* do evento subordinado, particularmente do seu sujeito.

O presente texto está estruturado em oito pontos. A seguir a esta introdução, são apresentados breves apontamentos sobre gramaticalização, subjetificação e a natureza do infinitivo. Nos pontos três e quatro, são analisadas as diferenças conceptuais entre as construções infinitivas e finitas alternantes e é caracterizado o significado do infinitivo flexionado em português. Seguidamente, no ponto cinco, desenvolvemos uma abordagem conceptual das três construções infinitivas dos verbos causativos e percetivos e comparamos o seu grau de gramaticalização no português, espanhol, francês e italiano. No ponto 6, analisamos a dupla tendência evolutiva das construções completivas infinitivas nas línguas românicas: o processo de gramaticalização no italiano e no francês e, em certos contextos, no espanhol e no português e o processo de desgramaticalização no espanhol e, mais rápida e nitidamente, no português. Segue-se, no ponto sete, uma explicação *cognitiva* destes processos de (des)gramaticalização com base nos processos conceptuais de subjetificação e objetificação. Finalmente, apresentamos as conclusões do presente estudo e sugestões para investigação futura.

2. Gramaticalização, subjetificação e infinitivo

O processo gradual de gramaticalização, pelo qual uma unidade lexical adquire uma função gramatical ou uma unidade gramatical adquire uma função ainda mais gramatical (Hopper & Traugott 2003), manifesta-se em dois níveis: a nível do significado da unidade lexical/gramatical, como um processo de *debilitamento* semântico, e a nível da construção, como um processo de *integração estrutural* de eventos. Isto significa que, entre as diferentes construções completivas, a mais gramaticalizada será aquela que apresentar um grau maior de debilitamento semântico do verbo principal e/ou de integração estrutural dos eventos subordinado e principal. Esta distinção está em sintonia com a assunção de que o processo de gramaticalização ocorre dentro de construções particulares (Bybee 2003; Traugott 2003, 2008).

Menor variabilidade formal e semântica é sinal de alto grau de gramaticalização. A avaliação de um processo de gramaticalização envolve tanto a dimensão da saliência semasiológica (ou prototipicidade) como a dimensão da saliência onomasiológica (ou familiarização e convencionalização), tanto a dimensão lexical como a dimensão construcional e tanto a dimensão diacrónica como a dimensão sincrónica.

Na teoria linguística atual, existem duas abordagens principais do fenómeno da subjetificação, nomeadamente a abordagem funcionalista de Traugott (1989, 1995), no quadro da Linguística Funcional, e a abordagem cognitivista de Langacker (1990, 1999), no enquadramento da Linguística Cognitiva. Traugott focaliza o processo diacrónico e a dimensão pragmática da subjetificação, entendendo este fenómeno como um processo de mudança semântica pelo qual significados que descrevem uma situação externa passam a indicar perspetivas, atitudes e crenças do locutor em relação a essa situação. Langacker focaliza o próprio processo de conceptualização envolvido e entende a subjetificação em termos da dimensão conceptual da *perspetiva* ou *arranjo de visão* na relação assimétrica entre sujeito observador/conceptualizador e objeto observado/conceptualizado. Uma entidade ou situação é *objetivamente* construída na medida em que é colocada “dentro de cena” e vista do exterior, como foco específico de atenção, como objeto de per/conceção; é *subjetivamente* construída na medida em que permanece “fora de cena”, como sujeito não consciente de si mesmo e implícito de per/conceção. A *subjetificação* é, então, o processo pelo qual uma entidade passa de ‘objeto’ a ‘sujeito’ de per/conceção e, consequentemente, o conceptualizador/locutor (ou um outro elemento do ato de fala) deixa de ser um observador/elemento externo e passa a fazer parte do conteúdo de conceptualização.

Traugott assume uma perspetiva pragmático-funcional e explica a subjetificação em termos de reforço pragmático e como resultado da convencionalização de inferências contextualmente sugeridas. Em contrapartida, Langacker assume uma perspetiva cognitiva e explica a subjetificação em termos de perspetiva conceptual e como resultado de um processo de atenuação semântica. Apesar destas diferenças, que têm mais a ver com a conceção geral de linguagem, as duas abordagens são compatíveis e até se complementam, na medida em que reforço pragmático e atenuação semântica são duas dimensões de um mesmo fenómeno (ver Soares da Silva 2011a).

O infinitivo caracteriza-se pela sua natureza híbrida entre verbo e nome (ver Cristofaro 2007; Soares da Silva 2008; Vanderschueren

2013): o infinitivo conceptualiza um evento, mas carece de certas características dos verbos e manifesta certas características dos nomes. Morfossintaticamente, carece de certas marcas tipicamente verbais, como o sufixo temporal, e ocorre apenas em contextos sintaticamente subordinados. Discursivamente, não assevera a atual ocorrência de um evento e não estabelece relação deíctica com a realidade discursiva. Conceptualmente, e seguindo a caracterização cognitiva de Langacker (1987; 1991) relativamente às classes do verbo e do nome, o infinitivo conceptualiza um evento, não *sequencialmente* como um verbo, mas *sumariamente* (holisticamente) como um nome. Mais especificamente, o infinitivo implica um escaneamento mental *sumário* e concebe o processo na sua totalidade e sem focalizar a sua evolução no tempo.

Dada esta natureza híbrida, o infinitivo pode aproximar-se ou afastar-se mais ou menos do protótipo verbal. Por exemplo, desviam-se bastante do protótipo verbal os chamados *infinitivos nominais*, isto é, os infinitivos precedidos de determinante e que podem ser modificados por adjetivos. Já os infinitivos que regem complementos verbais ou que formam parte de uma perífrase ou ainda que constituem o núcleo de uma oração adverbial aproximam-se bastante do protótipo verbal. Neste contínuo de maior ou menor *verbalidade* do infinitivo, o português apresenta uma categoria ausente noutras línguas: é o infinitivo flexionado, que possui obviamente mais características verbais do que o infinitivo não flexionado. Veremos, na próxima secção, o contraste entre as duas formas de infinitivo, bem como o significado do infinitivo flexionado. Veremos, também aí, esse contraste em termos de gramaticalização e subjetificação.

3. Construções infinitivas e finitas alternantes: diferenças conceptuais

Os exemplos (a), (b) e (c) de (1)-(3) – que representam, respetivamente, a construção com infinitivo não flexionado (Inf NF) (a), a construção com infinitivo flexionado (Inf Fl) (b) e a construção com verbo finito (c) – constituem três modos diferentes de conceber uma mesma situação extralinguística. As diferenças entre as três construções – completivas em (1)-(2) e adverbiais em (3) – são essencialmente conceptuais e as três construções alternantes dispõem-se em diversas escalas conceptuais contínuas que têm a construção finita de um lado, a construção de Inf NF do outro e a construção de Inf Fl numa posição intermédia.

O Quadro 1 identifica sete parâmetros conceptuais (em maiúsculas) que distinguem as três construções alternantes.

- (1) a. É preciso fazer uma pausa.
b. É preciso fazermos uma pausa.
c. É necessário que façamos uma pausa.
- (2) a. Eles reconheceram ter errado.
b. Eles reconheceram terem errado.
c. Eles reconheceram que erraram.
- (3) a. Alegram-se por ver o pai.
b. Alegram-se por verem o pai.
c. Alegram-se porque veem o pai.

Vejam brevemente as diferenças conceptuais que distinguem as três construções:¹

(i) **independência** do evento subordinado relativamente ao evento principal. A construção com Inf Fl codifica maior independência conceptual e menor integração dos eventos principal e subordinado do que a construção com Inf NF. Por isso, o Inf Fl tem várias marcas de um verbo independente: as marcas de pessoa e número e a marca nominativa do seu sujeito gramatical e, no caso das construções com verbos modais e verbos causativos e perceptivos, preservação da estrutura argumental, não havendo pois subida de clíticos nem de argumentos.

(ii) **especificidade** do evento subordinado. Como vimos anteriormente, o infinitivo implica um escaneamento mental sumário, porque representa um *processo tipo*. No entanto, o Inf Fl é mais específico do que o Inf NF, pois explicita a referência pessoal, sendo pois mais concreto do que um *processo tipo*.

(iii) **atualização** (“grounding”: Langacker 1987, 1991) ou relação explícita com o ato de fala. O verbo finito estabelece uma relação epistémica com a situação enunciativa, isto é, situa o evento em relação à realidade, através das suas especificações de tempo, modo e seus participantes. A ele se opõe o infinitivo, que não implica tal atualização. Entre os dois encontra-se o Inf Fl, que estabelece explicitamente a relação entre o participante principal do evento subordinado e os participantes do ato de fala, mas sem dar informação sobre o estatuto epistémico do respetivo evento.

(iv) **proeminência** da forma: o Inf Fl é, por um lado, mais proeminente do que o Inf NF, porque explicita mais informação acerca do evento subordinado, designadamente sobre o seu sujeito, e, por outro

Quadro 1. Escalas contínuas entre Inf NF e verbo finito

INF NF	INF FL	FIN
MENOS MAIS		
V independente: não marcas subida clínicos e argumentos sujeito não-especificado/subido construção mono-oracional	INDEPENDÊNCIA V independente: marcas sem subida sujeito especificado, nominativo construção bioracional	V independente: todas as marcas sem subida sujeito especificado, nominativo construção bioracional
processo tipo escaneamento sumário	ESPECIFICIDADE processo tipo (ref. pessoal) escaneamento sumário	instância de processo tipo escaneamento sequencial
não	ATUALIZAÇÃO (“GROUNDING”) mínimo (pessoal)	total (estatuto epistêmico)
não	PROEMINÊNCIA trajetor	total (mais material morfológico)
- distância, + controle	DISTÂNCIA CONCEPTUAL E CONTROLO ± distância, ± controle	+ distância, - controle
+ previsib. temporal e pessoal	ECONOMIA + previs.temp/- previs.pessoal	- previsib. temporal e pessoal
- objetividade: processo tipo - subjetividade (eixo subjetivo)	OBJETIVIDADE/SUBJETIVIDADE + objetividade: trajetor	+ objetividade: evento + subjetividade (eixo subjetivo)

lado, menos proeminente do que o verbo finito, já que este contém mais material morfológico.

(v) **distância conceptual e controlo.** Seguindo Haiman (1980) e Givón (1991), maior distância formal assinala iconicamente maior distância conceptual. Além disso, maior distância conceptual implica menor controlo por parte do sujeito principal relativamente ao evento subordinado e vice-versa. Assim, a construção com verbo finito, sendo precedida de uma conjunção, está formalmente mais separada do evento principal do que a construção infinitiva. Simultaneamente, a construção finita é conceptualmente mais complexa do que as construções infinitivas. Relativamente às duas construções infinitivas, a construção com Inf Fl está conceptualmente menos vinculada ao evento principal, já que não recupera nenhum dos seus referentes, e o controlo do sujeito principal é menos forte, visto que o Inf Fl remete para um participante específico, que até pode ser distinto do participante principal.

(vi) **objetividade/subjetividade** (no sentido de Langacker 1990, 1999): relativamente ao eixo *objetivo* de per/conceção, a construção com verbo finito é a mais objetiva, na medida em que é ela quem *põe em palco* todas as componentes do evento subordinado; do ponto de vista do eixo *subjetivo* de per/conceção, a construção com verbo finito é a mais subjetiva, na medida em que é nela que há mais *atualização* e um papel mais ativo do locutor na conceptualização do evento, havendo assim lugar para certas elaborações mentais e transferências para outros *espaços mentais* (Fauconnier 1985). Por exemplo, as duas construções infinitivas de (3a) e (3b) só podem exprimir a causa propriamente dita, ao passo que (3c) pode ter uma leitura inferencial, no sentido de que o facto de que as crianças veem o pai permite concluir que elas se alegram.

4. O significado do infinitivo flexionado

Da caracterização conceptual feita na secção anterior, podemos concluir que, em comparação com o Inf NF, o Inf Fl exprime maior independência, maior especificidade, maior atualização, maior proeminência, maior distância conceptual, maior elaboração conceptual e maior *objetividade*. O Inf Fl exprime uma *objetificação* na conceção do sujeito do infinitivo (ver Soares da Silva 2008). Retomemos os exemplos (1)-(3) e comparemos a construção com Inf Fl em (b) com a construção com Inf NF em (a). A flexão – por si própria, como nos exemplos (b), ou conjuntamente com o sujeito explícito – torna o sujeito do infinitivo mais proeminente no contexto da conceptualização do evento, já que

fornece informação acerca desse participante. A flexão “põe em palco” o participante principal como foco específico de atenção, como *objeto* de per/conceção. A flexão de pessoa tende a aumentar a distância entre o evento subordinado e o conceptualizador, fazendo com que o evento ganhe uma certa independência e possa ser visto a partir do “exterior”. Deste modo, a flexão de pessoa aumenta a assimetria entre observador e observado e, conseqüentemente, cria as condições para uma conceptualização *objetiva*. Tal como Langacker (1991: 445–449) assinala, há correlação positiva entre a construção objetiva de uma entidade ou situação, a sua menção explícita e uma certa distância conceptual em relação ao conceptualizador: a menção explícita e a distância conceptual têm um efeito *objetificador*.

Três grupos de fatores podem favorecer a construção com Inf Fl: (i) a autonomia sintático-semântica da oração infinitiva, (ii) a verbalidade da forma infinitiva e o conseqüente estatuto oracional da construção infinitiva e (iii) a acessibilidade mental do sujeito do infinitivo (Soares da Silva 2008; Vesterinen 2011; Vanderschueren 2013). Relativamente à autonomia sintático-semântica, a construção bioracional é, como vimos, favorável à ocorrência de Inf Fl. Um outro fator específico tem a ver com a semântica do conector e da oração subordinada: os conectores temporais (*depois de*, *antes de*) e causais (*por*) compatibilizam-se mais com Inf Fl do que o conector *para*; de igual modo, as orações temporais e causais, porque conceptualizam o evento como real e factivo, combinam-se melhor com o Inf Fl do que as orações finais, que conceptualizam um evento como virtual (Vanderschueren 2013: 139–150). Relativamente ao segundo fator, há uma correlação positiva entre a verbalidade do infinitivo e a ocorrência do Inf Fl. Assim, a forma pronominal do verbo no infinitivo, a presença de reflexivos, a construção passiva, a construção perifrástica, a presença de predicativos e a negação do infinitivo favorecem a ocorrência do Inf Fl. Por outro lado, e como efeito de compensação, o Inf Fl ocorre mais frequentemente com verbos não dinâmicos do que com verbos dinâmicos. Finalmente, quanto ao terceiro fator, a anteposição e interposição do infinitivo, a pausa e uma maior distância entre infinitivo e antecedente do sujeito do infinitivo dificultam a acessibilidade ao sujeito do infinitivo e, conseqüentemente, favorecem a construção com Inf Fl (Vesterinen 2011).

Através de uma rigorosa análise multifatorial de *corpus*, Vanderschueren (2013: 189) conclui sobre o impacto dos três fatores – autonomia, verbalidade e acessibilidade – na seleção do Inf Fl da seguinte forma, sintetizada na Figura 1.

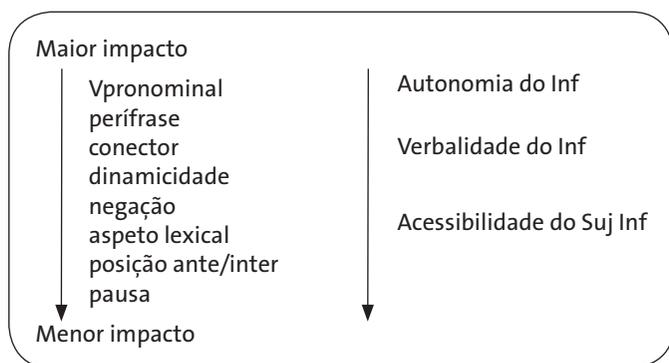


Figura 1. Hierarquia do impacto de fatores na seleção do Inf Fl

5. Construções completivas infinitivas: verbos causativos e perceptivos

Vamos analisar as construções infinitivas de verbos causativos e perceptivos. Para além da construção completiva com verbo finito, as línguas românicas (exceto o romeno) possuem diferentes tipos de construções infinitivas. Uma primeira construção infinitiva é aquela em que o objeto (O) do verbo principal ocorre depois dos dois verbos – é a construção VVO ou, simplesmente, construção VV, exemplificada em (4). Uma segunda construção infinitiva apresenta o objeto entre o verbo principal e o infinitivo – é a construção VOV, como em (5). Os exemplos (4) e (5) do português são igualmente válidos para outras línguas românicas. O português possui uma terceira construção infinitiva, na qual o objeto é interposto entre os dois verbos mas, ao contrário da anterior, é interpretado como sujeito do infinitivo e este ocorre como Inf Fl: é a construção VSV, como em (6). Embora o galego possua também a construção com Inf Fl, o Inf Fl não ocorre nas construções completivas de verbos causativos e perceptivos no galego (Sousa Fernández 1999: 176). Além desta variação da ordem de palavras, há também a variação de marcação de caso do sujeito lógico do infinitivo. Ele pode ser codificado como acusativo ou objeto direto (OD), como em (4a, 5a, b), (ii) como dativo ou objeto indireto (OI), como em (4b), (iii) menos frequentemente, como agentivo/instrumental, como em (4c), e (iv) como nominativo ou sujeito em português, necessariamente acompanhado de Inf Fl, como em (6a, b).

Estas variações na ordem das palavras e na marcação de caso do sujeito do infinitivo estão correlacionadas com a valência transitiva/intransitiva do infinitivo. O padrão correlacional é apresentado no

Quadro 2, embora haja alguma exceções. Nos casos regulares, as construções intransitivas codificam o sujeito do infinitivo como OD e as transitivas codificam-no como OD na construção VOV e como OI ou outro oblíquo na construção VV. De notar que os verbos de causação interpessoal como *forçar* (mas não *mandar*) ocorrem apenas numa construção próxima de VOV, nomeadamente a construção VOà/aV em que o infinitivo é precedido pela preposição *à/a*.

Quadro 2. Propriedades distribucionais das construções infinitivas com verbos causativos e perceptivos

ordem de palavras	VSV		VOV		VV	
	INF intransitivo	INF transitivo	INF intransitivo	INF transitivo	INF intransitivo	INF transitivo
marcação de caso						
nominativo - SUJ	6a	6b				
acusativo - OD			5a	5b	4a	
dativo - OI agentivo						4b 4c

- (4) a. A Maria fez/mandou/deixou/viu correr os miúdos (-os correr).
 b. A Maria fez/mandou/deixou/*viu ler esse livro aos miúdos (-lhes ler esse livro).
 c. O presidente fez/mandou/(não)?deixou/*viu aprovar a lei pelos deputados.
- (5) a. A Maria fez/mandou/deixou/viu os miúdos (-os) correr.
 b. A Maria fez/mandou/deixou/viu os miúdos (-os) ler esse livro.
- (6) a. A Maria fez/mandou/deixou/viu os miúdos (eles/*-os) correrem.
 b. A Maria fez/mandou/deixou/viu os miúdos (eles) lerem esse livro.

VSV, VOV e VV representam três estádios diferentes num *continuum* de dependência (controlo do sujeito principal e dependência do sujeito subordinado) e de integração estrutural dos eventos principal e subordinado. VSV e VOV são construções bioracionais, sendo VSV mais bioracional do que VOV, ao passo que VV é uma construção mono-oracional. O Quadro 3 sistematiza as propriedades estruturais destas três construções.²

Quadro 3. Propriedades estruturais das três construções infinitivas

Mais independência do evento complemento		Menos independência do evento complemento
Menos integração de eventos		Mais integração de eventos
não-subida do SujInf	subida SujInf: subida clíticos	subida SujInf: subida clíticos
Inf Fl	Inf NF	Inf NF
não-subida do ObjInf	não-subida do ObjInf	subida ObjInf: subida clíticos
negação encaixada	negação encaixada	negação encaixada impossível
bioracional	bioracional	mono-oracional
VSV	VOV	VV

Na construção VSV, o infinitivo apresenta muitas marcas de um verbo independente: preserva as marcas de pessoa e número e toda a sua estrutura argumental, pelo que é impossível qualquer subida do clítico. Além disso, o sujeito lógico do infinitivo é marcado no nominativo, da mesma forma que o sujeito de uma oração independente (SV). Consequentemente, o evento complemento é construído com maior independência. No outro extremo do contínuo, está a construção VV: o infinitivo não tem nenhuma marca de verbo independente e mostra todos os sinais de subida em direção ao verbo principal, donde a subida de todos os clíticos e a impossibilidade da negação. Ou seja: o infinitivo é inteiramente integrado no verbo principal, formando com ele um verbo complexo (VV) e passando os seus argumentos a serem argumentos deste complexo. Nos termos de Raposo (1981), VV é uma construção de “união de orações”. Num ponto intermédio, está a construção VOV: o infinitivo preserva grande parte da sua estrutura argumental, sendo o evento complemento ainda visto como independente, mas o sujeito do infinitivo é marcado como objeto direto do verbo principal (VO).

As três construções infinitivas envolvem diferentes *perspetivas conceptuais* do evento complemento; em termos da Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991), diferentes organizações *figural base* ou *trajetor/marco*.³ VSV toma todo o evento complemento como alvo do contacto estabelecido pelo sujeito principal; por outras palavras,

como *marco* do verbo principal. VSV perfila pois uma relação indireta entre dois eventos e uma interação entre duas fontes de energia ou dois *trajetores*. Este conteúdo conceptual faz com que VSV mais se aproxime de uma construção bioracional. Pelo contrário, a construção VOV toma o participante principal do evento complemento como alvo específico do contacto estabelecido pelo sujeito principal, isto é, como *marco* do verbo principal, mas ao mesmo tempo também o reconhece como fonte de energia ou *trajetor* do evento complemento, sendo todo o evento complemento tomado como *marco* secundário do verbo principal. A construção VOV perfila assim uma relação indireta entre dois eventos, embora com uma interação mais direta entre as duas fontes de energia ou *trajetores*: o sujeito principal interage diretamente com o sujeito do infinitivo, sendo este tomado como *ponto de referência* para se aceder ao evento complemento. Consequentemente, a construção VOV é menos bioracional do que a construção VSV. Finalmente, a construção VV constrói o participante principal do evento complemento como argumento interno (objeto ou experienciador) de um único complexo verbal e perfila um único evento com uma única fonte de energia, isto é, um único *trajetor* exercendo controlo sobre o evento como um todo, o que faz de VV uma construção mono-oracional.

A trajetória que vai de VSV a VV pode ser descrita como um processo progressivo de *subjetificação* ou atenuação no controlo do sujeito: o sujeito lógico do infinitivo perde gradualmente controlo sobre a sua própria atividade ou estado. Esta atenuação conduz a um aumento do grau de integração de eventos e a uma relação mais direta entre os dois eventos. Esta integração construcional e esta relação direta estão iconicamente codificadas nas propriedades estruturais da construção VV indicadas no Quadro 3. Há assim um aumento de gramaticalização da construção VSV para a construção VV: entre as três construções infinitivas, VV representa o grau mais elevado de gramaticalização construcional, ao passo que VSV representa o grau mais baixo. Resumidamente, a escala crescente de integração construcional e gramaticalização é a seguinte: VSV > VOV > VV.

Comparemos agora as construções infinitivas de quatro línguas românicas: português, espanhol, francês e italiano.⁴ A principal diferença verifica-se com o verbo prototipicamente causativo ‘fazer’. Enquanto o francês *faire* e o italiano *fare* se combinam necessariamente com a construção mono-oracional VV, o português *fazer* e o espanhol *hacer* são compatíveis tanto com VV como com a construção bioracional VOV. O verbo *fazer* combina-se ainda com a construção mais

bioracional VSV. Todas as propriedades sintáticas da construção VV referidas acima no Quadro 3 são obrigatórias na construção do francês e do italiano *faire/fare* + Inf. Além disso, *faire* + Inf e (geralmente) *fare* + Inf não podem alternar com a construção de verbo finito, contrariamente ao que se verifica com *fazer/hacer* + Inf, o que evidencia um grau elevado de integração estrutural nas construções do francês e do italiano.

Comparando as construções dos italiano e do francês, o italiano *fare* + Inf mostra um grau mais elevado de integração estrutural do que o francês *faire* + Inf. Prova disso são três propriedades sintáticas da construção *faire* + Inf:

- (i) a possibilidade de interpor o pronome reflexivo *se*, como em (7);
- (ii) a interposição de clíticos com o imperativo na forma positiva, como em (8), e a impermeabilidade no italiano a tal interposição, como em (9);
- (iii) a impossibilidade de cliticizar o objeto subordinado junto do verbo principal, como em (10b), contrariamente ao que ocorre no italiano, como em (10c):⁵
 - (7) Le bruit les fait se lever.
 - (8) Fais-les-lui planter.
 - (9) Glie-le voglio far baciare.
 - (10) a. Je ferai parler Jean a Pierre.
 - b. *Je lui ferai parler Jean.
 - c. Ci farò parlare Giovanni.

Há também diferenças de grau de integração de eventos entre as construções do português e do espanhol. O espanhol *hacer* + Inf apresenta um grau mais elevado de integração estrutural do que o português *fazer* + Inf. Para além da existência da construção VSV no português, a prova disso está nas seguintes propriedades:

- (i) no espanhol, o causado dativo pode ocorrer quer posposto a *hacer* + Inf quer interposto entre os dois verbos, como em (11a), embora a posposição seja mais frequente, ao passo que o português permite apenas a posposição, como se pode ver em (11b);
- (ii) no espanhol, o causado dativo pode ocorrer com infinitivo intransitivo, ao passo que esta construção é dificilmente aceitável no português – veja-se (12). Neste aspeto, o português segue o padrão regular observado no francês e no italiano;
- (iii) no português, a construção mais frequente é VOV quando o causado é [+HUM] e quando o infinitivo é transitivo (ver Soares da Silva 2005), como em (13a), ao passo que no espanhol a construção mais frequente é claramente VV, como em (13b).

- (11) a. Juan hizo a su mujer traer un regalo. (Cano Aguilar 1981: 243)
 b. *O João fez à sua mulher trazer um presente.
- (12) a. Le hice correr.
 b. ??Fiz-lhe correr.
- (13) a. O João fez a sua mulher trazer um presente.
 b. Juan hizo traer un regalo a su mujer.

A Figura 2 representa a escala crescente de integração estrutural de eventos e, assim, de *gramaticalização* construcional nas construções completivas infinitivas do verbo causativo ‘fazer’ nas quatro línguas românicas. A construção mais gramaticalizada é a do italiano *fare + Inf*, seguida da construção do francês *faire + Inf*. A seguir, vem a construção do espanhol *hacer + Inf* e, por último, como construção menos gramaticalizada, o português *fazer + Inf*. As três propriedades sintáticas analisadas nos exemplos (7)-(10) e (11)-(13) confirmam esta afirmação.

fazer + Inf *hacer + Inf* *faire + Inf* *fare + Inf*
 - -----> +

Figura 2. Escala de gramaticalização nas construções causativas românicas (‘fazer’ + Inf)

Em relação às construções causativas com o verbo ‘deixar’, há menos diferenças entre as línguas românicas. De qualquer forma, a construção do português *deixar + Inf* é a que apresenta um grau menor de gramaticalização construcional: para além do facto de que *deixar* participa na construção menos integrada VSV, a construção dominante é VOV com infinitivos transitivos, tanto sincrónica como diacronicamente (ver Soares da Silva 1999, 2005). O mesmo se diga em relação a *mandar + Inf*. Na verdade, a existência da construção VSV é suficiente para que as construções infinitivas do português possuam um grau mais baixo de gramaticalização do que as mesmas construções no espanhol, francês e italiano.

A Figura 3 representa a escala crescente de gramaticalização construcional nas construções completivas infinitivas, tendo num extremo a construção bioracional do português VSV e no outro extremo a construção mono-oracional do italiano VV.

PtVSV Pt/Sp/Fr/ItVOV PtVV SpVV FrVV ItVV
 - -----> +

Figura 3. Escala de gramaticalização construcional nas construções completivas infinitivas do português, espanhol, francês e italiano

6. (Des)gramaticalização

As construções infinitivas com verbos causativos e percetivos têm origem no latim (ver Norberg 1974 e Chamberlain 1986). O latim teve a construção completiva com verbo finito e conjunção *ut* e a construção completiva infinitiva, exemplificadas em (14)-(15). A construção infinitiva tornou-se mais frequente do que a construção finita no latim tardio (ou, pelo menos, nos primórdios das línguas românicas). A construção infinitiva latina apresentava uma estrutura com acusativo (*accusativus cum infinitivo*) e uma outra com dativo (*dativus cum infinitivo*).

No latim clássico, *iubere* ‘ordenar’ era o verbo causativo prototípico. Era geralmente seguido de uma completiva com *ut* e conjuntivo ou da construção *accusativus cum infinitivo*, como em (14). Também o verbo *facere* ‘fazer’ podia ser usado nestas construções causativas, como em (15), embora menos frequentemente.

- (14) a. *Populus Romanus iussit ut Sullae voluntas esset pro lege.* (Cerbasi 1997: 166)
 ‘O povo romano ordenou que a vontade de Sulla fosse tornada lei’
- (14) b. *iusserunt simulacrum Iouis facere maius* (Cícero, *Catiline*, 3.20)
 ‘Mandaram construir uma estátua de Júpiter maior’
- (15) a. *Faciam ut ejus diei locique meique semper meminerit.* (Plauto, *Captivi*, 4.6.3)
 ‘Fá-lo-ei lembrar-se sempre de mim, do seu dia e do seu lugar’
- (15) b. *Qui nati coram me cernere letum fecisti.* (Virgílio, *Aeneid* 2, 538–539)
 ‘(Tu) que me obrigaste a assistir à morte do meu filho’

Foi a partir do verbo causativo *iubere* que a construção infinitiva com acusativo (*accusativus cum infinitivo*) se espalhou a outros verbos, como *facere*. A construção exemplificada em (15b) é, pois, o antepassado das construções causativas infinitivas nas línguas românicas. Chamberlain (1986) observa que, a partir do séc. V, a construção *facere* + Inf (em vez de *facere* + *ut*) começou a difundir-se tornando-se a construção mais frequente a partir do séc. VI. Norberg (1974) e Chamberlain (1986) sugerem que as construções causativas de grau mais elevado de integração de eventos, isto é, as construções mono-oracionais se desenvolveram nos últimos períodos do latim.

As construções completivas infinitivas estavam já estabelecidas no período antigo das línguas românicas (ver Chamberlain 1986, Herman 1989, Pearce 1990, Davies 1995, Soares da Silva 1999, Sousa Fernández 1999, Vieira da Silva 2003), o que pode ser justificado com

base em quatro factos linguísticos. Em primeiro lugar, a complementação infinitiva aparece como opção padrão (em vez da complementação com verbo finito) nos textos latino-românicos, tanto nos textos latino-gauleses dos sécs. VI e XI (Chamberlain 1986), como nos textos latino-ibéricos dos sécs. XI e XII (Vieira da Silva 2003). Em segundo lugar, a construção mono-oracional consolidou-se nos textos latino-românicos e nos textos do período antigo das línguas românicas, tornando-se por vezes mais frequente do que a construção bioracional. Chamberlain (1986: 135) sugere que as duas construções com o latim *facere* e o francês *faire* já existiam no latim tardio e no francês antigo em variação livre, embora a construção mono-oracional fosse mais frequente do que a construção bioracional. Em terceiro lugar, verifica-se nesses períodos o desenvolvimento da construção *dativus cum infinitivo* (que, segundo Norberg 1974, é de origem latina), a ponto de se tornar mais frequente do que a construção mais antiga com acusativo. Finalmente, a correlação entre marcação de caso do sujeito do infinitivo e padrão sintático (intransitivo/transitivo) do infinitivo, típica das línguas românicas, remonta ao período antigo das línguas românicas. Tudo isto mostra uma evolução das construções infinitivas no sentido da gramaticalização construcional.

Desde os primeiros estágios das línguas românicas, as construções infinitivas com o verbo causativo ‘fazer’ apresentam um grau mais elevado de integração estrutural do que as construções infinitivas com o verbo causativo ‘deixar’ ou o verbo ibérico ‘mandar’. Há, porém, uma divergência entre as línguas românicas na evolução das construções infinitivas com ‘fazer’: de um lado, o francês e o italiano *faire/fare* + Inf perdem a construção bioracional VOV e a construção com verbo finito e conjuntivo; do outro lado, o português e o espanhol *fazer/hacer* + Inf mantêm a alternância entre a construção mono-oracional VV, a construção bioracional VOV e a construção com verbo finito. Quer isto dizer que o francês e o italiano *faire/fare* + Inf evoluíram no sentido de um aumento de gramaticalização. Já o português e o espanhol evoluíram, como veremos melhor a seguir, no sentido inverso, e isso aconteceu não só com os verbos causativos como com outros verbos que selecionam complemento infinitivo.

Vejamus mais de perto o desenvolvimento das construções infinitivas no português e espanhol. No seu estudo acerca da evolução das construções causativas no espanhol e no português, Davies (1995, 2000) conclui que o português e o espanhol são as línguas românicas em que se verificam maiores mudanças na evolução das construções causativas

infinitivas, independentemente do verbo causativo, e essas mudanças configuram uma mudança geral que vai da estrutura mono-oracional para a estrutura bioracional. Ainda segundo Davies, estas mudanças terão começado com os verbos de percepção como *ver* e *ouvir/oír* e depois ter-se-ão espalhado aos verbos causativos, inicialmente, *deixar/dejar*, *permitir*, *obrigar/obligar* e *ordenar* e, finalmente, aos verbos causativos prototípicos *fazer/hacer* e *mandar*. Também Martins (2004, 2006) analisa estas mudanças das construções infinitivas dos verbos causativos e perceptivos, mas integra-as no contexto de uma mudança mais geral das construções infinitivas do português que vai de estruturas “mais reduzidas” a estruturas “menos reduzidas” e afeta não só verbos causativos e perceptivos mas também verbos de controlo, como *querer*, e verbos de elevação, como o verbo modal *poder*.

Tendo em conta estes estudos diacrónicos de Davies (1995, 2000) e de Martins (2004, 2006) e com base numa análise de *corpus*,⁶ identificamos seis mudanças sintáticas nas construções infinitivas, que ocorreram mais rápida e acentuadamente no português do que no espanhol e que começaram por afetar os verbos perceptivos e os verbos periféricamente causativos e se espalharam depois aos verbos prototipicamente causativos (Soares da Silva 2011b):

- (i) cliticização no infinitivo, isto é, não subida dos clíticos
- (ii) emergência do pronome *se* no complemento infinitivo (F₂)
- (iii) mudança no caso do sujeito do infinitivo transitivo: de dativo para acusativo
- (iv) emergência da negação no complemento infinitivo (F₂)
- (v) mudança de ordem das palavras no complemento infinitivo (F₂): de VS para SV
- (vi) emergência do Inf Fl em português a partir do séc. XVI nos complementos dos verbos causativos e perceptivos⁷

Estas mudanças estão exemplificadas no Quadro 4, nos exemplos (16c, d)-(21c, d) do português e do espanhol médios e modernos, em contraste com os exemplos (16a, b)-(21a, b) do português e espanhol antigos.

Comentando muito brevemente estas mudanças, a análise de *corpus* mostra que até ao séc. XVI a norma é a subida dos clíticos e que a tendência para a cliticização no infinitivo se torna mais clara apenas nos séc.s XIX e XX. É o verbo *hacer/fazer* o que mais resiste a esta mudança. Em relação à segunda mudança, os primeiros usos de *se* no complemento infinitivo ocorrem no séc. XVI e com maior frequência com os verbos de percepção e o verbo permissivo *deixar/dejar*

do que com os verbos *fazer/hacer* e *mandar*. A tendência para o uso do *se* no complemento infinitivo torna-se mais clara apenas no português e espanhol modernos. Quanto à terceira mudança, há uma diminuição clara do uso do clítico dativo ao longo do tempo, mais acentuada com infinitivos transitivos. A mudança é mais lenta no espanhol do que no português. Em relação à quarta mudança, é a partir do séc. XVI que se verifica uma maior tendência para a ocorrência da negação predicativa no complemento infinitivo. Quanto à quinta mudança, verifica-se ao longo do tempo um aumento da ordem SV, claramente mais nítida no português do que no espanhol e maior com os verbos percetivos e *deixar/dejar*. Finalmente, é a partir do séc. XVI que se encontram no português as primeiras ocorrências do Inf Fl nos complementos dos verbos percetivos e causativos.

Quadro 4. Mudanças da construção infinitiva mono-oracional do português e espanhol antigos para a construção infinitiva bioracional do português e espanhol médios e modernos

Português/Espanhol antigos + subida dos clíticos	Português/Espanhol médios e modernos – subida dos clíticos
(16a) <i>e outrossi lhe fez dar muy grande cõtia en dinheiros</i> (Cron. 1344)	(16c) <i>Se vai ao Castelhana, prometendo Que ele faria dar-lhe obediência</i> (Camões, <i>Obras</i> , 15??)
(16b) <i>non gelo dexaron sacar del campo</i> (HistTroy 1253)	(16d) <i>nos iba a dejar sacarlo</i> (Gazapo, 19??)
– se em F ₂	+ se em F ₂
(17a) <i>Et el rrey o fezera cobrir de hũa púrpora negra moy preçada</i> (CronTroyana 1388)	(17c) <i>ela fará ao marido cobrir-se de tinha e muito mais que ela</i> (Gil Vicente, 15??)
(17b) <i>conuidaua los & fazie los assentar</i> (GenEst 1272)	(17d) <i>los oye sacudirse como si temieran que algo les caiga</i> (Caballo 19??)
Suj. Inf-Tr: Dativo	Suj. Inf-Tr: Acusativo
(18a) <i>e que lhe rogava que lhe leixasse veer o conde</i> (Cron. 1344)	(18c) <i>pediu licença ao Capitão-mor, que em companhia deles o deixasse ir ver aquele Mosteiro</i> (Barros, <i>Ásia</i> , 15??)
(18b) <i>o le fazen perder la onrra o el señorio que ante auia</i> (Alfonso X, <i>Siete Partidas</i> , 1260)	(18d) <i>la fazen forçosamente confessar el contrario de lo que sienten</i> (Celestina, 1499)

– negação em F ₂	+ negação em F ₂
(19a)	(19c) <i>Só um terramoto me faria não cumprir um mandato até ao final</i> (Fernando Gomes, 199?)
(19b)	(19d) <i>aquello creaba toda una serie de pequeños problemas que hacían no ser interesante</i> (España Oral 19??)
ordem em F ₂ : VS	ordem em F ₂ : SV
(20a) <i>E, quando ouve de morrer, estando en Sevilha, fez antesy vñr seu filho dom Phillippe</i> (Cron. 1344)	(20c) <i>preparam já medidas para fazer o país sair da pior recessão económica desde os anos 30</i> (Público 1993)
(20b) <i>las mujeres fazem errar al omne sabidor</i> (Castigos 1292)	(20d) <i>la gran tormenta ... hazia los arboles sallir de tierra</i> (GrimGrad 1480)
(21a)	INF FL (em Pt, séc. XVI)
(21b)	(21c) <i>porque a natureza delas não as faz serem mas ou boas</i> (Barros, 1532)
	(21d) <i>e muito mais ver minhas experiências não convirem com o escrito</i> (Barros, Ásia, 15??)

Estas seis mudanças sintáticas específicas e esta mudança geral de uma estrutura mono-oracional para uma estrutura bioracional configuraram um processo de *desgramaticalização* que envolve uma atenuação gradual das propriedades sintáticas e semânticas da estrutura mono-oracional (ou, na perspetiva inversa, um reforço gradual das propriedades sintáticas e semânticas da construção bioracional). Explicaremos este processo de desgramaticalização na secção seguinte. Quanto às causas desta mudança, Davies (1995) sugere que o uso gradualmente crescente de sujeitos do infinitivo explícitos a partir do período médio nos complementos dos verbos causativos e percetivos está na origem das mudanças da estrutura mono-oracional para a estrutura bioracional, ao passo que Martins (2004, 2006) encontra a origem destas mudanças na existência de frases estruturalmente ambíguas envolvendo coordenação, elipse e orações independentes de Inf Fl com valor imperativo (que já se encontravam na gramática do português antigo).

A emergência do Inf Fl nos complementos dos verbos percetivos e causativos a partir do séc. XVI é a manifestação mais clara desta tendência *desgramaticalizante*. Este facto coloca o português num estágio

menos avançado de gramaticalização das construções infinitivas, em comparação com outras línguas românicas. A maior proximidade da construção com Inf Fl à construção bioracional VOV do que à construção mono-oracional VV terá favorecido o uso do Inf Fl.

Ainda em relação ao português, os dados disponíveis nos textos medievais mostram que a construção VV e a construção VOV já coexistiam no português antigo e que a construção mono-oracional VV era mais frequente no português antigo do que a construção bioracional VOV e ainda mais com infinitivo intransitivo e sujeito geralmente marcado no dativo (Vieira da Silva 2003). Quer isto dizer que a hipótese segundo a qual a mudança do português antigo ao português moderno se deveu à emergência da construção bioracional não se confirma. O que aconteceu foi que a partir do séc. XVI a construção bioracional reforçou a independência do complemento infinitivo, introduzindo nele propriedades estruturais de menor integração do evento complemento no evento principal.

O nosso estudo diacrónico sobre o verbo *deixar* e seus correspondentes noutras línguas (Soares da Silva 1999, 2007) e o nosso estudo sincrónico sobre as construções infinitivas dos verbos causativos e percetivos no português contemporâneo (Soares da Silva 2005) mostram uma outra mudança nas construções infinitivas que Davies (1995) não refere. Trata-se de um aumento gradual da construção mono-oracional VV com verbos causativos e infinitivo intransitivo, pelo menos em português, e o seu claro predomínio no português europeu contemporâneo.

Estes resultados sugerem uma dupla tendência na evolução das construções infinitivas no português e no espanhol. Por um lado, temos uma desgramaticalização construcional, mais rápida e mais nítida no português do que no espanhol. Esta desgramaticalização é a razão pela qual o português e o espanhol divergem do francês e do italiano na evolução das construções infinitivas com verbos causativos e percetivos. Por outro lado, o aumento da construção mono-oracional VV com verbos causativos e infinitivo intransitivo mostra que o português e o espanhol seguem, até certo ponto, a tendência gramaticalizante geral que se observa nas línguas românicas, em particular no italiano e no francês.

7. Motivações conceptuais: subjetificação e objetificação

O processo diacrónico de gramaticalização das construções infinitivas dos verbos causativos e percetivos que ocorreu no francês e no italiano, especialmente com o verbo causativo *faire/fare*, e no português

e no espanhol nas construções com infinitivo intransitivo consiste num processo conceptual de *subjetificação* ou atenuação do controlo do sujeito e consequente mudança de um sujeito ativo para o conceptualizador (Langacker 1999). O sujeito do infinitivo vai gradualmente perdendo controlo sobre a sua própria atividade ou estado e deixa de ser o foco específico do evento complemento. A atividade ou fonte de energia passa do domínio do sujeito do infinitivo para o domínio do sujeito principal. O sujeito principal torna-se assim o conceptualizador do evento complemento, exercendo maior controlo sobre o evento complemento. Consequentemente, a relação causal ou perceptiva torna-se mais direta e imediata e mais dependente da atividade mental do conceptualizador e, portanto, mais *subjetiva*. Em termos da abordagem de Traugott (1989, 1995) ao fenómeno da subjetificação, a relação causal/perceptiva torna-se cada vez mais situada no domínio do conceptualizador – o sujeito principal e/ou o locutor. Estruturalmente, surgem determinadas propriedades sintáticas que iconicamente codificam um maior grau de integração construcional e, consequentemente, de gramaticalização.

O processo diacrónico inverso de desgramaticalização que ocorre no português e no espanhol e apresenta a sua manifestação mais visível na emergência do Inf Fl no português consiste num processo conceptual de *objetificação* do sujeito do infinitivo. O participante principal do evento subordinado torna-se mais independente e mais comprometido na realização do evento; entra “em palco” como foco específico de atenção e, portanto, como *objeto* de conceptualização. Esta promoção do sujeito do infinitivo cria uma distância entre o evento complemento e o conceptualizador, pelo que o evento complemento ganha uma certa independência e pode ser visto “desde o exterior”, recebendo assim as propriedades estruturais dessa autonomia. A construção do português com Inf Fl exprime a conceptualização mais *objetiva* do evento subordinado.

8. Conclusões e investigação futura

As construções completivas infinitivas estão menos gramaticalizadas no português e no espanhol do que no italiano e no francês. Verifica-se um contínuo decrescente de gramaticalização que começa no italiano, a seguir o francês, depois o espanhol e finalmente o português. Vimos que a construção do italiano *fare* + Inf está mais gramaticalizada do que a construção do francês *faire* + Inf e que a

construção do espanhol *hacer* + Inf está mais gramaticalizada do que a construção do português *fazer* + Inf. Tudo isto confirma grande parte da hipótese de De Mulder & Lamiroy (2008) de uma escala decrescente de gramaticalização nas línguas românicas, que começa no francês, passa para o italiano, depois o espanhol e finalmente o português e o romeno.

O português e o espanhol mostram um interessante processo gradual de desgramaticalização das construções infinitivas com verbos causativos e perceptivos e com verbos de controlo e elevação, do período antigo para o período atual, situando-se por isso num estágio mais recuado de gramaticalização destas construções no conjunto das línguas românicas. Esta desgramaticalização desenvolveu-se mais rápida e intensamente no português do que no espanhol e envolveu a perda da subida obrigatória dos clíticos, a alteração do caso do sujeito do infinitivo do dativo para o acusativo, a mudança da ordem VS para SV, o surgimento do pronome *se* e da negação predicativa no complemento infinitivo e, no caso do português nos complementos dos verbos causativos e perceptivos, a emergência do Inf Fl.

A evolução das construções infinitivas mostra que os processos de gramaticalização e de desgramaticalização se podem combinar. A desgramaticalização no português e no espanhol não impediu que as mesmas construções infinitivas em determinados contextos, designadamente com verbos causativos e infinitivos intransitivos, seguissem a tendência geral de gramaticalização construcional.

A (des)gramaticalização das construções infinitivas envolve fatores conceptuais de *perspetivação* e fatores estruturais de *integração* de eventos. A desgramaticalização das construções infinitivas no espanhol e, mais acentuadamente, no português envolve um processo conceptual de *objetificação* do evento subordinado e do seu sujeito. A gramaticalização das construções infinitivas no italiano e no francês e, com os verbos causativos e infinitivo intransitivo, no espanhol e no português envolve um processo conceptual de *subjetificação* ou atenuação do controlo do sujeito do infinitivo.

As línguas românicas revelam uma maior atenção perspetival às diferentes partes e relações do evento codificado na construção infinitiva e um contínuo maior de integração de eventos do que as línguas germânicas. Crucialmente, o português evidencia maior elaboração do evento codificado na construção infinitiva, maior atenção perspetival às partes desse evento e maior flexibilidade conceptual e construcional do que as outras línguas românicas. O Inf Fl do português marca maior

autonomia e maior *objetividade* na conceptualização do evento codificado na oração infinitiva.

Os dados diacrónicos evidenciam as diferenças de perspetivação conceptual entre as diferentes construções infinitivas das línguas românicas. Mais especificamente, os dados diacrónicos são uma boa evidência empírica da adequação da abordagem *cognitiva* das diferenças entre a construção infinitiva mono-oracional VV, a construção infinitiva bioracional VOV e a construção infinitiva mais bioracional do português VSV, cuja melhor identificação é a ocorrência do Inf Fl.

Obviamente que é necessária mais investigação diacrónica e sincrónica sobre as construções infinitivas nas línguas românicas. Sugerimos três tópicos de investigação. Primeiro, são necessárias mais análises de *corpus* quantitativas e multifatoriais que possam confirmar a escala de gramaticalização das construções infinitivas nas línguas românicas aqui sugerida e permitam definir com maior rigor as motivações, os mecanismos e a cronologia das mudanças sintáticas e semânticas. Especificamente, a maior gramaticalização do italiano *fare* + Inf em comparação com o francês *faire* + Inf e a maior gramaticalização do espanhol *hacer* + Inf em comparação com o português *fazer* + Inf precisam de uma análise de *corpus* mais extensa. Um segundo tópico de investigação consiste em identificar os fatores sociolinguísticos e sócio-históricos que contribuíram para os diferentes estádios de (des)gramaticalização das construções infinitivas e ver como esses fatores sociais se correlacionam com os fatores conceptuais e estruturais aqui identificados. Finalmente, é importante desenvolver o estudo dos processos de (des)gramaticalização no vasto contexto das construções infinitivas, comparando as construções completivas (com verbos causativos, perceptivos, de controlo e elevação) e as construções adverbiais. Uma questão relevante é saber até que ponto o significado da construção influencia o processo de (des)gramaticalização e até que ponto este processo é influenciado pelo significado do verbo principal e/ou do verbo subordinado.

Notas

1. Para mais desenvolvimento, ver Soares da Silva (2008).
2. Para uma análise mais desenvolvida, ver o estudo pioneiro de Raposo (1981) e a análise de corpus de Soares da Silva (2005).
3. Para uma análise mais desenvolvida, ver Soares da Silva (2004, 2005).

4. Para um estudo mais desenvolvido em relação à gramaticalização das construções causativas nestas quatro línguas românicas, ver Soares da Silva (2012).
5. Burzio (1978: 25) dá o seguinte exemplo como gramatical: “Gli lascerò parlare Giovanni” (Deixarei Giovanni falar com ele). Todavia, esta frase dificilmente é aceitável. A prova disso é que não encontramos nenhum exemplo semelhante a este no Google.
6. O corpus de análise inclui o *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, do séc. XIV ao séc. XX), de M. Davies e M. Ferreira, e o *Corpus del Español* (100 milhões de palavras, do séc. XIII ao séc. XX), de M. Davies. Agradeço a M. Davies algumas informações sobre o uso destes corpora.
7. O Inf Fl não é opção com verbos de controlo nem de elevação, visto que estes verbos não permitem um sujeito subordinado referencialmente independente.

Referências

I. Corpora (exemplos citados)

Cícero:

Cicero, Marcus Tullius. 1869. *Ciceros Reden gegen L. Catilina für den Schulgebrauch*, herausgegeben von F. Richter. Leipzig: Teubner; disponível sob: <http://books.google.se/books?id=ZZc9AAAACAAJ> (09/05/2013).

Davies, Mark. 2002-. *Corpus del Español: 100 million words, 1200s–1900s*, disponível sob: <http://www.corpusdelespanol.org> (06/05/2013).

Davies, Mark & Michael Ferreira. 2006-. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s–1900s*, disponível sob: <http://www.corpusdoportugues.org> (06/05/2013).

Plauto:

Plautus, Titus Maccius. 1843. *The Captives: A Comedy of Plautus with English notes for the use of students* by John Proudfil. New York: Harper; disponível online: <http://books.google.se/books?id=kwrZxPIB4JYC&printsec> (09/05/2013).

Virgílio:

Virgilius Maro, P[ublius]. 1854. *P[ublii] Virgilii Maronis opera*, editit Hermannus Paldamus. Lipsiae : Karl Tauchnitz, disponível online: <http://books.google.se/books?id=LvQYP3NrTOMC> (09/05/2013).

II. Obras citadas

Burzio, Luigi. 1978. “Italian causative constructions”. *Journal of Italian Linguistics*, 2: 1–71.

- Bybee, Joan L. 2003. "Mechanisms of change in grammaticization: The role of repetition". In: Joseph, Brian D. & Richard D. Janda (eds.). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell. 602–623.
- Cano Aguilar, Rafael. 1981. *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos.
- Cerbasi, Donato. 1997. "Las construcciones causativas del tipo *hacer* + Infinitivo en español, portugués e italiano". *Lingüística Española Actual*, 19:2. 155–171.
- Chamberlain, Jeffrey T. 1986. *Latin antecedents of French causative faire*. New York: Peter Lang.
- Cristofaro, Sonia. 2007. "Deconstructing categories: finiteness in a functional-typological perspective". In: Nikolaeva, Irina (ed.). *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 91–114.
- Davies, Mark. 1995. "The evolution of causative constructions in Spanish and Portuguese". In: John Amastae, Grant Goodall, Mario Montalbetti & Marianne Phinney (eds.). *Current research in Romance Linguistics: papers from the 22nd Linguistic Symposium on Romance Languages El Paso, Cd. Juárez, February 1992*. Amsterdam: John Benjamins. 105–122.
- Davies, Mark. 2000. "Syntactic diffusion in Spanish and Portuguese infinitival complements". In: Dworkin, Steven & Dieter Wanner (eds.). *New approaches to old problems: Issues in Romance Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins. 109–127.
- De Mulder, Walter & Béatrice Lamiroy. 2008. "Different stages of grammaticalization: the position of French among the Romance languages". Paper presented at 4th International Conference "New Reflections on Grammaticalization". University of Leuven, 16–19 July 2008.
- Fauconnier, Gilles. 1985. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Givón, Talmy. 1991. "Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations". *Studies in Language*, 15. 85–114.
- Haiman, John. 1980. "The iconicity of grammar: isomorphism and motivation". *Language*, 56. 515–540.
- Herman, Jozsef. 1989. "Accusativus cum infinitivo et subordinnée à *quod, quia* en latin tardif". In: Calboli, Gualtiero (ed.). *Subordination and other topics in Latin. Proceedings of the Third Colloquium on Latin Linguistics, Bologna, 1–5 April 1985*. Amsterdam: John Benjamins. 133–152.
- Hopper, Paul J. & Elizabeth C. Traugott. 2003. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.

- Langacker, Ronald W. 1987. *Foundations of Cognitive Grammar. 1. Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. 1990. "Subjectification". *Cognitive Linguistics*, 1:1. 5–38.
- Langacker, Ronald W. 1991. *Foundations of Cognitive Grammar. 2. Descriptive application*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, Ronald W. 1999. "Losing control: grammaticalization, subjectification, and transparency". In: Blank, Andreas & Peter Koch (eds.). *Historical semantics and cognition*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. 147–175.
- Langacker, Ronald W. 2008. *Cognitive Grammar. A basic introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Martins, Ana Maria. 2004. "Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos". In: Brito, Ana, Olívia Figueiredo & Clara Barros (eds.). *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 197–225.
- Martins, Ana Maria. 2006. "Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese". In: Randall Scott Gess, & Deborah Arteaga (eds.). *Historical Romance Linguistics: Retrospective and perspectives*. Amsterdam: John Benjamins. 327–355.
- Norberg, Dag. 1974. «Faire faire quelque chose à quelqu'un ». Recherches sur l'origine latine de la construction romane. In : Norberg, Dag (ed.). *Au Seuil du Moyen Age. Études linguistiques, métriques et littéraires publiées par ses collègues et élèves à l'occasion de son 65e anniversaire*. Padova: Antenore. 16–60.
- Pearce, Elizabeth. 1990. *Parameters in Old French syntax: infinitival complements*. Dordrecht: Kluwer.
- Raposo, Eduardo Paiva. 1981. *A construção "união de orações" na gramática do português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Soares da Silva, Augusto. 1999. *A Semântica de deixar: Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Soares da Silva, Augusto. 2004. "Imagery in Portuguese causation/perception constructions". In: Lewandowska-Tomaszczyk, Barbara & Alina Kwiatkowska (eds.). *Imagery in language. Festschrift in honour of Professor Ronald W. Langacker*. Frankfurt am Main: Lang. 297–319.
- Soares da Silva, Augusto. 2005. "Revisitando as construções causativas e perceptivas em português: significado e uso". In: Duarte, Inês & Isabel Leiria

- (eds.). *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa 13, 14 e 15 de Outubro de 2004)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 855–874 [disponível online: <http://www.apl.org.pt/docs/actas-20-encontro-apl-2004.pdf> (último acesso: 02/06/2013)].
- Soares da Silva, Augusto. 2007. “Verbs of letting: Some cognitive and historical aspects”. In: Delbecque, Nicole & Bert Cornillie (eds.). *On interpreting construction schemas. From action and motion to transitivity and causality*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter. 171–200.
- Soares da Silva, Augusto. 2008. “The Portuguese inflected infinitive and its conceptual basis”. In: Lewandowska-Tomaszczyk, Barbara (ed.). *Asymmetric events*. Amsterdam: John Benjamins. 225–241.
- Soares da Silva, Augusto. 2011a. “(Inter)subjectificação na linguagem e na mente”. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 15:1. 93–110.
- Soares da Silva, Augusto. 2011b. “Gramaticalización y desgramaticalización en las construcciones de infinitivo con verbos causativos y perceptivos en portugués y en español”. *Comunicação apresentada no International Ibero-Romance Linguistics Conference, University of Leuven*, 3–5 fevereiro.
- Soares da Silva, Augusto. 2012. “Stages of grammaticalization of causative verbs and constructions in Portuguese, Spanish, French and Italian”. *Folia Linguistica*, 46:2. 513–552.
- Sousa Fernández, Xulio. 1998. *Estudio diacrónico das construcións con mandar como verbo de orde en galego*. Tesis Doctoral. Universidad de Santiago de Compostela.
- Traugott, Elizabeth C. 1989. “On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change”. *Language*, 65. 31–55.
- Traugott, Elizabeth C. 1995. “Subjectification in grammaticalisation”. In: Stein, Dieter & Susan Wright (eds.). *Subjectivity and Subjectivisation. Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press. 31–54.
- Traugott, Elizabeth C. 2003. “Constructions in grammaticalization”. In: Joseph, Brian D. & Janda, Richard D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell. 624–647.
- Traugott, Elizabeth C. 2008. “Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English”. In: Eckardt, Regine, Gerhard Jäger & Tonjes Veenstra (eds.). *Variation, selection, development: Probing the evolutionary model of language change*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. 219–250.

- Vanderschueren, Clara. 2013. *Infinitivo y Sujeto en Portugués y Español. Un estudio empírico de los infinitivos adverbiales con sujeto explícito*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.
- Vesterinen, Rainer. 2011. *A Cognitive Approach to Adverbial Subordination in European Portuguese. The infinitive, the clitic pronoun Se and finite verb forms*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing.
- Vieira da Silva, Maria Cristina. 2003. *A complementação infinitiva em textos latinos dos séculos XI e XII e textos portugueses dos séculos XIII e XIV. Reflexões sobre o Latim-Romance e o Português Antigo*. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa.